

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

USOS E COSTUMES, TRADIÇÕES E BRUXARIA NAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1926 | Número: 36

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Usos e costumes, tradições e bruxaria nas obras de Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 36 (2-3) Abr.-Set. 1926, 120-124.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Usos e Costumes, Tradições e Bruxaria

nas obras de

Camilo Castelo-Branco

(Continuado de páginas 63)

“Por fim, não saírei do paço senhorial da Cavalaria sem consolar o leitor pio e mais lido em cousas do céu que em nobiliários, que naquela casa nasceu o bem-aventurado S. frei Gil, chamado de Santarém, e que Almeida Garrett ajoujou com o Dr. Fausto no poema *D. Branca* e nas *Viagens*.

Ainda hoje, naquela casa, perdura uma capela edificada na alcova onde nasceu o sábio feiticeiro e pactuário do demónio.” — (*Noites de insónia*, n.º 4, pág. 81).

“A casa da cavalaria sita na vila de Vouzela, e que em tempo devia ter sido uma vivenda ostentosa, como se vê do que ainda hoje existe, pertence actualmente por emprazamento a João Correia de Oliveira,

A capela da casa é hoje adega, palheiro ou cousa semelhante; e nada ali existe que faça lembrado o nosso celeberrimo S. fr. Gil. Há porém na vila uma elegante capela do santo, onde se celebra missa tôdas as segundas-feiras, e onde se conserva a pia onde se baptizou o santo e bem assim o queixo inferior do mesmo, relíquia muito venerada pelos habitantes da vila.” — (*Obra citada*, n.º 5, pág. 79).

Refere-se Camilo ao santo nigromante S. Fr. Gil Rodrigues.

Portugal também teve o seu santo feiticeiro,

assim mais conhecido, Frei Gil, da ordem dos Prêgadores, natural da vila de Vouzela (S. Jorge), distrito de Viseu. Apesar de ter tam bom património (conesias na Sé de Braga e Coimbra), lembrou-se de ir estudar medicina em Paris; mas na passagem de Toledo apareceu-lhe o diabo em figura humana, que o induziu a aprender nicromância, com promessas, etc. Dedicou-se a empresas amorosas, chegando até a libertino, e resolveu por último ir tomar o grau de licenciado em medicina, onde a sciência ajudada pelas artes diabólicas lhe deu fama e poder. Estando uma noite entregue aos estudos, appareceu-lhe um cavaleiro de terrível aspecto, que brandindo a lança o intimou a que mudasse de vida; mas Gil não fêz caso. Depois, a novas ameaças, o nicromante-médico, cheio de timidez e humildade, confessou os seus erros e arrependimento. A esta declaração o divino cavaleiro tocou-o com a lança no coração, partindo logo para Espanha. Em Palência entrou no mosteiro de S. Domingos, onde fêz confissão geral e professou, sustentando-se vinte dias apenas de fôlhas de árvores. Findo o ano, voltou para Portugal e escolheu o convento de S. Domingos de Santarém para continuar no serviço de Deus.

Os milagres que lhe atribuem não têm conto.

Dizem que adoeceu de muito *amor divino*, e faleceu depois de 44 anos de professo, a 14 de Maio de 1265. O seu corpo foi sepultado na igreja do convento de S. Domingos de Santarém.

Ver, para mais completo esclarecimento, o livro "Diabruras, Santidades e Profecias", por A. C. Teixeira de Aragão, pág. 52 a 54, livro curioso e interessante de onde extraio o resumo pôsto acima.

"Eu não ri, nem çorei: deu-me para chorar como uma vide, quando me contaram isto." — (*O que fazem mulheres*, pág. 53).

Chorar como vides é uma comparação popular corrente e conhecida.

Camilo, no romance *O Sangue*, volta a empregar-lá, a pág. 106: «Esteve aí a chorar como vides, e a dizer que tu, se a não querias, disseses isso e não andasses a desacreditá-la.»

«Bem diz lá o ditado: *Livra-te da sogra, que eu te livrarei do diabo.*» — (*Obra cit.*, pág. 78).

São já em número avultado os ditados que visam as ex.^{mas} sogras, que o povo diz serem rodilhas.

O confronto e a comparação entre êles seria interessante, mas ocuparia muito espaço.

Registemos sòmente.

«Então isto, pelos modos, é «nós, el-rei, e justiça de Fafe»! ; Aqui não há rei nem roque, nesta casa?» — (*Ob. cit.*, pág. 79).

A *justiça de Fafe* é o cacete, o marmeleiro. Os labrostes de Fafe têm fama de valentes e destemidos jogadores de pau. Como não querem nada com a justiça, liquidam as suas contendas à paulada.

As romarias e festanças dos arredores daquela vila são quasi sempre umas Marias da Fonte de desordem, pancada e barafunda.

«Eu canto o que escrevo; e, se a toada me destoa no tímpano, desmancho a oração em partes, ajusto-as de novo, calafeto-as de artigos, e pronomes, e conjunções, o mais afrancesadamente que posso, e sai-me a cousa um pouco ininteligível, mas harmoniosa como um clarinete de romeiro de S. Torcato de Guimarães.» — (*Scenas da Foz*, pág. 56).

Interessante pelo pitoresco da comparação.

« — E vocemecê a dar-lhe! Ouça e fale quando dever responder. Esta mulher vive numa casa aqui perto da Foz; tem consigo uma criada; não tem homem nenhum: não aparece de dia, só se vê de noite a falar com as estrêlas... »

— Anjo bento! Isso é bruxedo! Cruzes, canhoto! Terá ela fadário?

— Fadário tem vocemecê de toleima, tia Pôncia! Vive comigo há tantos anos, e parece que está cada vez mais tonta!

— Quem? Eu!? Tonta eu, porque lhe digo as verdades, Sr. João! ; Eu não lhe disse que a Vicência era uma trapalhona, que lhe dava volta ao miolo?! Diga, Sr. Joãozinho, quando vocemecê andava atrás da filha do letrado, com a beíça caída, ; não lhe disse eu que a rapariga, às duas por três, se lhe aparecesse marido com chelpa, era como se nunca nos víssemos?! ; E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma feiticeira que só aparece de noite a dizer anzonices ao sete-estrêlo! Deixe-me benzer, e Deus me tenha na sua mão, e mais a vocemecê, que o vi nascer, e desde que anda por cá à sua vontade, arranja sempre bruxedo que o tolhe. Sabe que mais, Sr. João? Coma e beba e tome os seus banhos, que é *ó* que veio; o mais, leve o diabo, Deus me perdoe, as mulheres; e quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amanhoar a vida; e não olhe para estas fuínhas da cidade, que parecem mesmo o pecado!

Tia Pôncia disse muitas outras cousas razoáveis. Exaurida a torrente, foi buscar o café e pediu-me que pendurasse ao pescoço uma figa de azeviche e uma conta que fôra tocada no corpo do mártir S. Cipriano — tudo para vencer os sortilégios da bruxa contra quem a minha pobre Pôncia, durante o almôço, proferiu um discurso, intermeado de orações *ad rem.* — (*Ob. cit.*, pág. 142).

E' um naco de prosa de tam perfeita observação, que não há nada a acrescentar-lhe. O fadário e o bruxedo são as maiores toleimas do nosso povo.

“Contei, em casa, esta aventura à minha Pôncia, que me esperava ainda a pé. Aqui é que foi o benzer-se e trejeitar de mulher sábia em agouros e feitiços. Quis-me convencer de que tudo aquilo eram artimanhas da bruxa; e saltou-me ao pescoço para ver se eu tinha a figa de azeviche. Não a encontrando, chamou-

-me hereje, e não me deixou, sem eu pendurar o bento guiso no pescoço.

Deitando-me, pareceu-me que o ar do quarto estava impregnado de um cheiro acre, que era mais forte na cama. Erguendo o travesseiro, encontrei um molho de arruda, e um alho que tem na Flora popular um adjectivo desgraçado. Eram exorcismos da tia Pôncia, que tinha em menos conta o nariz, quando se tratava de curar a alma de um possesso de bruxedos. Atirei o depósito de hervanário à rua, e consegui adormecer embalado pelas minhas esperanças." — (*Obra citada*, pág. 146).

Quando não entram em acção os defumadoiros de romeiro, sempre-verde, etc., para espantar os males e os bruxedos, purificando os ares, costuma o povo servir-se de muitos e variados amuletos.

Ver, para não alongar em repetições escusadas esta nota, as minhas "Tradições e Usanças Populares de Guimarães", capítulo VI, pág. 249.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.